

O ser cristão e o triunfo da Igreja. Um estudo acerca das transformações da identidade do homem ocidental.

Marcus Cruz*

Resumo: Os primórdios do IV século marcam um momento decisivo na história da religião cristã e de sua Igreja. A liberdade de culto concedida em 313 pelo poder imperial abre amplas perspectivas de crescimento tanto geográfico quanto sociológico ao cristianismo. Por outro lado, significará, do mesmo modo, um estreitamento das relações entre a comunidade cristã e o estado tardo romano. Um dos desdobramentos deste processo de aproximação será a discussão sobre o papel dos cristãos e de sua Igreja na sociedade romana tardia, bem como a reflexão concernente à definição do ser cristão diante desta nova realidade. Neste processo a Igreja assumirá um papel fundamental, pois será a principal responsável pela construção do discurso que implanta e sustenta a concepção de ser cristão, em outras palavras a própria identidade do homem medieval.

Palavras-chave: Cristianismo – Idade Média – Identidade

Abstract: In the beginning of the IV century the Christianity and his Church lifes a critical circumstance. The religious freedom concede for imperial power open greats opportunities of development geographical and sociological to Christianity. But, this mean a increase relationship between Christian Community and de Roman Empire. A result of the situation is a debate about de Christian's place and his Church inside of late roman society and the Christian's identity in front of this new reality. In this procedure the Christian's Church have a leading part because it's a answerable for improvement speech as introduce and support the notion of the being Christian, in other words the medieval man identity.

Keywords: Christianity - Middle Ages - Identity

A questão da identidade é uma das problemáticas mais importantes não somente no panorama das discussões acadêmicas, mas também no debate institucional e político contemporâneo, como afirma o pensador anglo-polaco Zygmunt Bauman: “Atualmente, a ‘identidade’ é o ‘papo do momento’, um assunto de extrema importância e em evidência”(BAUMAN, 2005: 23).

Em um momento, como este em que vivemos, onde as identidades estão sendo constante e permanentemente construídas, desconstruídas e reconstruídas, onde a característica mais marcante da identidade, paradoxalmente, é a sua plasticidade, os historiadores ao se voltarem para o passado, em suas pesquisas e estudos, acabam por se questionar acerca do problema da identidade em outros períodos da História.

Nossa atenção, especificamente, está focada neste arco temporal que se estende do IV ao VIII século, tendo como recorte espacial à bacia do Mediterrâneo. É uma etapa do devir

* Doutor, Universidade Federal de Mato Grosso

histórico na qual a questão da identidade se coloca dramaticamente, na medida em que os elementos constitutivos da identidade que caracterizam o mundo antigo entram em crise e como afirma o crítico cultural Kobena Mercer "...a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza." (MERCER, 1990: p.43).

Nesta oportunidade iremos discutir como o processo de reconstrução da identidade realizado neste momento significa não a reorganização da identidade antiga, mas sim o surgimento, a partir de novos parâmetros e partilhas, de uma nova identidade, que consideramos ser medieval.

No cerne desta nova identidade, que progressivamente e paralelamente se consolida e se implanta, está o cristianismo e por conseguinte a Igreja. Em outras palavras, a partilha fundamental para o homem medieval, o elemento que dimensiona o *eu* em relação ao *outro* é a fé cristã, é o ser cristão.

De que estamos falando quando falamos de identidade? Para Levi-Strauss, citado por Bauman "A identidade é uma espécie de lar virtual ao qual nos é indispensável referirmos-nos para explicar um certo número de coisas, sem que jamais ele tenha existência real."(BAUMAN, 2005: 55) . O conceito de identidade se relaciona, assim, com a maneira com que os homens interagem com o mundo. Esse instrumento de interação, no entanto, é uma construção humana e não, é importante frisar, um dado de realidade.

Stuart Hall em seu livro *A Identidade Cultural Pós-Moderna* distingue três concepções de identidade, a saber: a do sujeito iluminista, a do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno.

O sujeito iluminista possui uma concepção que se baseia numa perspectiva da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. Esse "centro" era concebido como um núcleo interior, presente no indivíduo desde o seu nascimento e que o sujeito desenvolvia.

A perspectiva conceitual do sujeito sociológico é resultado da crescente complexidade do mundo moderno, assim como da consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e nem auto-suficiente, mas sim formado a partir da relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos em que o sujeito sociológico habitava.

A identidade, nessa concepção sociológica, possui como uma de suas atribuições preencher o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo interior do indivíduo e o mundo exterior que o circunda. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades

culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós" contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. Neste sentido a identidade, então, é o fator que estabelece o liame entre o sujeito à sociedade.

A concepção de identidade pós-moderna parte do princípio de que o sujeito que possuía uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado. Isto significa dizer que o indivíduo passa a ser composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Por outro lado e simultaneamente as identidades, que compunham as paisagens sociais e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, foram implodidas, entraram em colapso, devido às transformações estruturais e institucionais. O resultado dessa mudança é que o processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Outra perspectiva para pensarmos a questão do conceito de identidade nos é apresentada por José Carlos Reis. Para o autor essa discussão apresenta duas grandes correntes interpretativas.

A primeira que José Carlos Reis denomina de essencialista parte de uma perspectiva ontológica e metafísica do ser, formulando o problema do ponto de vista da continuidade. Isto é, o ser entendido como unificado, racional, consciente, centrado em seu núcleo interior. O pensamento cartesiano está na base desta concepção de ser que existia porque pensava.

A segunda perspectiva que formula o problema da identidade a partir da idéia de descontinuidade será denominada de não-essencialista. Essa linha interpretativa considera que a identidade é construída historicamente por meio do discurso e das relações práticas. É um processo que nunca se completa e que se encontra em contínua transformação.

O conceito de identidade assume, portanto, um caráter histórico na medida que não trata do que somos para sempre, mas sim no que nos tornamos. É uma narrativa aberta e flexível do ser, mas que possui uma eficácia material e política, mesmo que a sensação de pertencimento ocorra no imaginário, repleto e marcado pelos símbolos.

Em nossa pesquisa partimos de uma concepção de identidade que procurar fazer dialogar a perspectiva sociológica e não-essencialista. Na medida que entendemos o conceito de identidade como construído a partir do discurso e das práticas sociais o que pré-supõe a mediação entre o sujeito e o ambiente cultural em que se insere. Por outro lado entendemos a identidade também como um dos elementos que estabelece a ligação entre o indivíduo e a sociedade.

É a partir dessa perspectiva que abordaremos a construção da identidade do homem medieval, do ser cristão. Para tanto, discutiremos alguns aspectos do processo de expansão do cristianismo e do triunfo da Igreja que se encontram intrinsecamente relacionados com a nossa questão.

Os anos iniciais do IV século são um momento decisivo na história do cristianismo, em decorrência de dois fenômenos fundamentais. Em primeiro lugar a religião cristã experimenta a última e mais violenta perseguição de sua história, aquela movida por Diocleciano.

Por outro lado a Igreja após a conversão de Constantino recebe a proteção e benefício do estado romano. Em outras palavras, a Igreja cristã, neste momento, transforma-se de um corpo estranho na estrutura imperial em um dos elementos mais ativos do Império.

Em nossa abordagem destacamos alguns elementos, cuja análise, permite-nos compreender o triunfo da Igreja e a cristianização da sociedade.

Em primeiro lugar devemos considerar o apoio dos imperadores ao cristianismo. Este favorecimento permite a Igreja cristã assumir uma posição de destaque no seio da sociedade, seja em termos econômicos e sociais, seja em termos jurídicos.

A partir da liberdade de culto, mas principalmente com o favorecimento dos imperadores, uma nova etapa da história do cristianismo abre-se, na qual os obstáculos a sua expansão são retirados, por conseguinte as conversões multiplicam-se. Em suma a política imperial permite o triunfo da Igreja e a cristianização da sociedade.

Em linhas gerais podemos afirmar que o cristianismo, na sua fase pós-constantiniana, torna-se um elemento da ordem imperial, isto é a aliança estabelecida entre as autoridades eclesiásticas e as autoridades seculares marcam e dominam não somente o fim do mundo antigo, mas também os primórdios da Idade Média

Este estreitamento da ligação da Igreja com o poder secular beneficia de modo bastante acentuado o processo de triunfo da Igreja e cristianização da sociedade. No entanto, acarreta também problemas para as autoridades cristãs, principalmente no que concerne à perda de uma certa independência que conduz ao surgimento de uma crise espiritual, definida deste modo por Jerônimo “A Igreja aceitou em seu seio os príncipes cristãos e assim, evidentemente, ganhou poder e riqueza, no entanto, perdeu em força interior.”(Patrologia Latina. v.33: 55)

Quanto ao estado romano, ele busca na religião cristã um elemento de unidade para o Império e de sustentação de seu sistema político. No entanto as disputas internas da Igreja e as querelas doutrinárias e dogmáticas, que propiciam em muitas oportunidades a intervenção do

Império em assuntos eclesiásticos acabam por contribuir para debilitar a força e o poder imperial, na medida que as autoridades acabam por tomar partido de uma ou outra corrente, transformando a querela religiosa em um fator de desequilíbrio do sistema imperial.

Um segundo aspecto, também muito relevante na compreensão do processo de expansão do cristianismo e do triunfo da Igreja, é a organização e o papel desempenhado por esta. Por um lado a Igreja cristã construiu uma organização hierárquica que se espalhava por todo o mundo mediterrâneo, servindo assim de sustentáculo e agente incentivador da expansão do cristianismo. Por outro lado o clero conseguiu monopolizar a relação com o sagrado, ou seja, tornou-se o intermediário por excelência entre Deus e os homens.

Em outros termos estamos diante de um processo interdependente, isto é o crescimento do cristianismo requer um aperfeiçoamento institucional da Igreja, que por sua vez sustenta e dinamiza a difusão da religião cristã.

A progressiva interação da Igreja com o Império a partir do IV século, por um lado e o desenvolvimento institucional eclesiástico por outro faz com que a Igreja assuma a estrutura administrativa tardo imperial como modelo para a construção de sua organização, chegando mesmo a constituir-se como um dos ramos da burocracia estatal.

A principal influência da estrutura imperial no processo de desenvolvimento da organização eclesiástica é o princípio que norteia e caracteriza, não somente este fenômeno, mas toda a sociedade tardo antiga romana, isto é a concentração e a centralização de poder que se manifesta através do crescimento da hierarquização no seio da Igreja e no aumento de prestígio do sacerdócio, em suma no triunfo de uma concepção monárquica da Igreja, modelo que perdurará ao longo de toda a Idade Média.

O crescimento da hierarquização realiza-se em favor do bispo que monopoliza a liderança da comunidade em termos materiais e espirituais. Por outro lado a eleição deste que cabia à comunidade passa a ser realizada pelo clero local ou pelos bispos da região. Estes dois fenômenos demonstram não somente a progressiva hierarquização da Igreja, como também o aumento do poder do elemento sacerdotal.

O crescimento do prestígio do sacerdote é fruto também do estabelecimento, neste momento, de uma clara e nítida diferenciação entre o clero e os fiéis. A idéia da separação de um grupo específico dentro da comunidade, em virtude de seu estilo de vida, é algo estranho no cristianismo primitivo. Esta divisão entre o cumprimento estrito dos preceitos evangélicos por parte do clero e o apego genérico às praticas devocionais por parte dos fiéis é uma característica que se afirma nos primórdios da Idade Média.

Esta distinção entre clero e fiéis é, sem dúvida, resultado da expansão do cristianismo e do aumento do número de crentes, assim como da hierarquização e da concentração de poder no elemento eclesiástico, mas permite um forte desenvolvimento do prestígio e do poder sacerdotal, a tal ponto de consolidar-se a idéia de que não há salvação fora da Igreja, cabendo ao fiel a total submissão às diretrizes e à doutrina emanada da Igreja, explicitada pelo bispo e pelo restante do clero.

É impossível deixar de notar que este processo de crescimento organizacional da Igreja, caracterizado pela hierarquização do clero e pelo aumento do prestígio sacerdotal, ocorre paralela e concomitantemente com a hierarquização da sociedade e com a busca de centralização do poder na figura do imperador.

O terceiro elemento a ser destacado é o trabalho da intelectualidade cristã que foi capaz de tornar a mensagem evangélica compatível com os diversos grupos sociais que compunham a sociedade no começo do mundo medieval. Em síntese os pensadores cristãos adequaram e adaptaram o discurso bíblico aos diferentes públicos a que se dirigiam, desde o simples camponês até as elites culturais.

É importante destacar também que no processo de triunfo do cristianismo, de expansão da Igreja, e de desenvolvimento institucional eclesiástico a religião cristã necessitou adaptar-se a diversos e diferentes públicos, desde os grupos mais rudes e depauperados até os intelectuais, reformulando seu discurso diante das demandas específicas de cada grupo.

Esta capacidade cristã de expressar as tendências do mundo antigo, sem excluir nenhuma, harmonizando-as e regulando-as de modo a ajusta-las aos diversos grupos da sociedade constitui-se em um importante fator para a compreensão do processo de triunfo do cristianismo.

Esta tarefa de adaptação da mensagem evangélica aos diversos públicos do mundo mediterrâneo foi realizada pela intelectualidade cristã, que portanto, desempenha um papel destacado no processo que estamos analisando.

A intelectualidade cristã no seu esforço de difundir a mensagem evangélica acaba por torna-se um dos elementos culturais mais destacados a partir IV século, especialmente por construir uma paideia cristã, que por sua vez possui suas bases na cultura romana.

Em outras palavras a intelectualidade cristã utiliza-se da herança cultural clássica na elaboração de seu discurso evangelizador, e não poderia ser diferente, pois os grupos a serem convertidos estavam inseridos nesta tradição. Deste modo o equipamento mental pagão é colocado a serviço do cristianismo.

Para tanto a religião cristã necessitou incorporar não somente o ensino e a educação pagã, mas também os moldes e parâmetros da cultura clássica. Este diálogo com a cultura clássica acaba por acarretar profundas transformações na doutrina cristã. A doutrina cristã passa a ser formulada e pensada sob a égide do pensamento filosófico pagão. Estas influências são importantes, na medida que os pressupostos da cultura clássica haviam penetrado profundamente na mentalidade do homem do início da Idade Média, sendo aceitos como verdade.

No entanto, um fator que consideramos de grande relevância no processo de triunfo do cristianismo, é que este consegue atender as necessidades espirituais do homem tardo romano, isto é diante das transformações ocorridas no campo da religiosidade e do universo mental, a religião cristã acaba por constituir-se como a principal expressão destas mudanças. Em outros termos, poderíamos, então, afirmar que o pensamento cristão a partir do IV século realiza um amplo esforço que redundará na construção de uma nova identidade para o homem que vive no mundo mediterrâneo, bem como para aqueles que estão chegando, no caso dos germanos. Identidade essa que irá definir e caracterizar o homem medieval

A construção da identidade medieval ocorre a partir de três tradições distintas, mas que irão interagir neste processo, são elas: a tradição antiga, a germânica e a cristã. Efetivamente o peso destas diversas tradições não é o mesmo no processo de construção da identidade medieval, porém todas elas realizam sua contribuição. Este trabalho iremos privilegiar as tradições antiga e cristã, porém, isto não representa de forma alguma negar a importância do elemento germânico, significa apenas um recorte específico para o presente estudo.

O campo da alteridade na Antigüidade tanto grega como romana esta baseada na dicotomia grego/romano-bárbaro. Neste sentido o conceito de identidade antigo não pré-supõe um território, mas sim um conjunto de traços culturais se constrói em torno da polis.

Os dois elementos centrais da identidade antiga são a politeia e a paidéia, ou seja de um lado um espaço de sociabilidade e de outro uma comunidade cultural. O que se encontra além dessas fronteiras é o bárbaro que não conhece a política e que possui uma sabedoria estranha, atrasada, primitiva.

A identidade cristã, por seu turno, pode ser sintetizada nas palavras de Paulo na Epístola aos Colossenses: *“Vós vos desvestistes do homem velho com as suas práticas e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador. Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo e todos”*(3, 9-11)

A proposta paulina é clara, o cristão é um novo homem (vestistes do novo) que abandona e renega as partilhas tradicionais que são superadas por uma nova partilha que se estabelece a partir da constituição da mensagem evangélica. Agora a identidade é construída pela crença, pela fé na Boa Nova.

Essa radicalização paulina da identidade cristã, porém, é importante frisar, se apresenta mais como um ideal, como uma proposta para a construção da identidade cristã em um mundo e em circunstâncias históricas bastante específicas. Consideramos a posição de Paulo como um programa do que como uma efetiva forma de construção das partilhas cristãs.

A relação entre a cultura clássica e o cristianismo será uma questão que se apresentará como uma das mais importante na construção de uma identidade cristã, na medida em que ajudará a definir a maneira como a comunidade cristã se relacionará com o patrimônio cultural pagão.

Não podemos esquecer que com o progressivo triunfo da Igreja e número considerável e expressivo de pagãos, ou de membros de famílias pagãs, foram evangelizados. Para muitos desses novos cristãos a sua identidade encontrava-se intrinsecamente relacionada com a paidea clássica. O problema é como reconstruir a identidade desse grupo?

Conhecemos a dramática descrição de Jerônimo de suas angústias e incertezas, que de certa forma podemos considerar como significativas das angústias e incertezas daqueles que tinham na paidea clássica um dos seus alicerces de sua identidade diante da conversão ao cristianismo:

“Há muito tempo! Casa, pai e mãe, irmã, parentes e o que é mais difícil os confortos do bem viver deixei pelo Reino dos Céus, fui para Jerusalém para lutar por Cristo. Mas a biblioteca que em Roma eu havia composto com muito sacrifício e dor eu não pude abandonar. Desgraçado que eu era! Passava noites inteiras lendo Cícero ou Plauto. Se por acaso caía em minhas mãos um profeta, sua linguagem selvagem e inculta me causava horror. Meus olhos estavam cegos para sua luz. A serpente antiga desta forma me enfeitiçava. No meio da Quaresma fui acometido de uma febre que consumia o meu corpo me deixando a beira da morte. Neste estado me senti transportado a um tribunal onde brilhava uma luz que não permitia que meus olhos olhassem para o auto. Fui interrogado sobre minha condição. Respondi que era cristão, mas fui severamente repreendido: Tu mente! Es ciceroniano não cristão. Onde está seu tesouro aí está o seu coração.”(Lettres, v.2, 1955: 47)

Essa passagem demonstra o dilema enfrentado pelos homens que possuíam na paidea clássica um dos fundamentos constitutivos de sua identidade diante da nova proposta de

construção de seu ser com a adoção do cristianismo. Em outras palavras estamos diante de uma dualidade de identidades. Essa dualidade, em nosso entender, acabar por ser resolvida pela identidade medieval que está construída sobre uma cultura em que o cristianismo não é apenas dominante, mas em que a própria cultura havia se cristianizado.

O que estamos apontando, portanto, é a cristianização da cultura. Um dos elementos constitutivos da identidade antiga, a paidéia, se torna cristão. A identidade medieval se constrói, neste sentido, da confluência e do diálogo entre as identidades romana e cristã.

Outro aspecto a ser discutido diz respeito partilha grego/romano-bárbaro ela possui uma longa tradição que estende-se desde Heródoto por toda a Antigüidade. É esse binômio o elemento fundador da identidade antiga, esse instrumento interpretativo consolida o campo da alteridade no mundo antigo.

Neste contexto, o germano será para a tradição romana, principalmente nos últimos séculos do Império, o modelo de bárbaro. Imagem que se perpetuou no imaginário ocidental até os dias correntes.

No entanto a situação altera-se substancialmente quando, a partir do V século, os germanos não apenas se assentam no território imperial, mas principalmente se constituem e se consolidam os Reinos germânicos. A partilha romano-bárbaro não é mais operacional não apenas porque esses germanos assumem cada vez mais a herança romana, mas também porque os romanos se germanizam.

Em suma, diante da nova configuração política, social e cultural do mundo mediterrâneo a partilha romano-bárbaro não se sustenta mais, ou melhor ela necessita transformar-se uma vez que o bárbaro agora não será mais aquele que não possui a politeia ou a Paidéia, mas sim aquele que não possui a religio, isto é o infiel.

A nova partilha será construída a partir do binômio cristão-infiel, todavia o infiel continua sendo o outro, aquele que por sua alteridade define a identidade do homem medieval.

Referencias bibliográficas

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

- BREZZI, P. **Dalla persecuzioni alla pace di Constantino**. Roma: Studium, 1960.
- DANIÉLOU, J. MARROU, H. I. **Nova história da Igreja: Dos Primórdios a São Gregório Magno**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Belo Horizonte: DP&A Editora, 2006.
- JAEGER, W. **Cristianismo primitivo y paideia griega**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1965.
- JÉRÔME, Saint. **Lettres**. Texte établi et traduit par LABOURT, J. Paris: Les Belles Lettres, 1955. 7v
- JERÔNIMO. *Vita Malchi*. IN MIGNE, J. P. **Patrologia Latina**. v. 33.
- LEPELLEY, C. **L'Empire romain et le christianisme**. Paris: Flammarion, 1969.
- MARAVAL, Pierre. **Le christianisme de Constantin à la conquête arabe**. Paris: PUF, 1997.
- MERCER, Kobena. **Out There: Marginalization and Contemporary Cultures** New York, N.Y. : Cambridge, Mass. :New Museum of Contemporary Art ; MIT Press,1990.
- REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- _____. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papyrus, 1994.
- SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.